

## CAPÍTULO UM



# O aluno novo

**A** cotovelando-se em meio a dezenas de outros colegas do nono ano, Kendra encaminhou-se até sua carteira. Em um instante, o sinal tocaria, assinalando o início da última semana de aula. Mais uma semana e ela deixaria para sempre o ensino fundamental para ingressar no ensino médio, juntando-se a garotos e garotas de outras duas escolas.

Um ano atrás, essa perspectiva era muito mais excitante do que parecia agora. Desde o quinto ano o desempenho escolar de Kendra era similar ao de uma nerd fanática pelos estudos, e um novo começo no ensino médio talvez pudesse significar uma oportunidade para largar essa imagem quieta e estudiosa. Mas esse fora um ano de renascimento. Era impressionante como um pouco de confiança e uma atitude mais extrovertida podiam elevar rapidamente seu status social. Kendra não se sentia mais tão desesperada por um novo começo.

Alyssa Carter sentou-se na carteira ao lado dela.

– Ouvi falar que a gente vai receber o anuário hoje – disse ela.

A menina, de constituição esguia, tinha cabelos curtos e louros. Kendra conhecera Alyssa em setembro na equipe de futebol.

– Que ótimo. Fiquei um zumbi na minha foto – resmungou Kendra.

– A sua ficou linda. Você lembra da minha? Meu aparelho ficou do tamanho de um para-choque de caminhão.

– Pouco importa. Quase não dava pra reparar.

Tocou o sinal. A maioria dos garotos estava sentada. A sra. Price entrou na sala acompanhada pelo aluno mais desfigurado que Kendra já vira em toda a sua vida. O garoto tinha um couro cabeludo calvo e escabroso e um rosto que mais parecia um vergalhão fendido. Seus olhos eram gretas franzidas, seu nariz uma cavidade deformada, sua boca desprovida de lábios e áspera. Ele coçou o braço, dedos tortos encrespados de verrugas inchadas.

O garoto hediondo estava, no entanto, bem-vestido. Usava uma camisa vermelha e preta abotoada, calça jeans e tênis de marca. Ele ficou em pé na frente da classe ao lado da sra. Price enquanto ela o apresentava.

– Gostaria de apresentar a vocês Casey Hancock. Sua família acabou de chegar da Califórnia. Não é muito fácil começar numa escola no final do ano, então, por favor, recebam-no com carinho.

– Pode me chamar de Case – disse ele com uma voz irritante. Ele falava como se estivesse estrangulando alguém.

– Olha só pra isso – murmurou Alyssa.

– Fala sério – sussurrou de volta Kendra. O pobre garoto mal parecia um ser humano. A sra. Price o conduziu até uma cartei-

ra na frente da sala. Pus escorria de múltiplas feridas em sua nuca sarnenta.

– Acho que estou apaixonada – disse Alyssa.

– Não seja cruel – murmurou Kendra.

– O quê? Estou falando sério! Você não acha ele o máximo?

Alyssa estava agindo de maneira tão sincera que Kendra flagrou-se reprimindo um sorriso.

– É muita maldade sua.

– Você está cega? O cara é maravilhoso! – Alyssa parecia estar genuinamente ofendida por Kendra não concordar.

– Se você diz – apaziguou Kendra. – Só não é meu tipo.

Alyssa sacudiu a cabeça, como se achasse que Kendra só podia estar louca.

– Você deve ser a garota mais exigente da face da Terra.

Os anúncios da manhã estavam espocando no alto-falante. Case estava conversando com Jonathon White. Ele estava rindo. Isso era estranho. Jonathon era um idiota, não era o tipo de garoto que fazia amizade com uma aberração de circo. Kendra observou Jenna Chamberlain e Karen Sommers trocando olhares e sussurros como se também achassem Case atraente. Como Alyssa, eles não pareciam estar de gozação. Kendra deu uma geral na sala e não viu um único aluno que parecesse sentir repulsa à aparência do novato.

O que estava acontecendo? Ninguém com uma aparência tão esquisita entraria numa sala de aula sem que algumas sobranceiras se erguessem.

E de repente tudo ficou claro.

Casey Hancock tinha uma aparência inumanamente deformada e hedionda porque não era humano. Ele só podia ser alguma

espécie de gnomo que aparentava ser um garoto normal para todas as outras pessoas. Apenas Kendra podia enxergar sua verdadeira forma, consequência de ter sido beijada por centenas de fadas gigantes.

Desde que saíra de Fablehaven, quase um ano atrás, Kendra vira criaturas mágicas apenas duas vezes. Em uma delas ela notara um homem barbudo com menos de trinta centímetros de altura retirando um cachimbo comprido de uma pilha de detritos atrás de um cinema. Quando ela tentou se aproximar para olhar mais de perto, o homenzinho entrou rapidamente num ralo e sumiu de vista. Em outra ocasião, ela avistou o que parecia uma coruja dourada com rosto humano. Ela estabeleceu contato visual com a criatura por um instante antes de ela alçar voo numa confusão de penas douradas.

Tais visões estranhas eram normalmente camufladas aos olhos humanos. Seu avô Sorenson a havia apresentado ao leite mágico que tornava as pessoas capazes de enxergar além das ilusões que normalmente ocultavam as criaturas místicas. Quando os beijos das fadas tornaram essa habilidade permanente, ele alertara Kendra para o fato de que, às vezes, era mais seguro deixar que certas coisas permanecessem ocultas.

E lá estava ela, fitando um monstro grotesco que posava de aluno novo em sua classe! A sra. Price surgiu no corredor carregando os anuários. Kendra rabiscava qualquer coisa inadvertidamente na capa de um de seus livros. Por que aquela criatura estava ali? Certamente tinha alguma coisa a ver com ela. A menos que gnomos repulsivos tivessem o hábito de se infiltrar nas escolas pú-

blicas. Será que ele estava ali para espionar? Para causar problemas? Com certeza estava ali para realizar alguma maldade.

Kendra levantou os olhos e pegou o gnomo encarando-a por cima do ombro. Ela deveria estar contente por poder saber que o garoto novo tinha uma identidade secreta, certo? O conhecimento a deixava nervosa, mas ajudaria Kendra a se preparar para se opor a quaisquer ameaças que ele pudesse representar. Com sua habilidade secreta, podia ficar de olho nele. Se Kendra agisse de forma natural, Case jamais imaginaria que ela poderia ver sua aparência real.



No formato de uma enorme caixa, a Roosevelt Middle School era construída de tal modo que, no inverno, os alunos jamais precisassem fazer qualquer coisa do lado de fora. Corredores internos conectavam todas as partes da escola, e na mesma sala em que ocorriam as assembleias funcionava a lanchonete. Mas, debaixo do sol de junho, Kendra encontrava-se sentada ao ar livre com três amigas almoçando em uma mesa circular ligada a bancos curvados.

Kendra assinava o anuário de Brittany enquanto mastigava um pedaço de croissant. Trina assinava o de Kendra, Alyssa o de Trina e Brittany o de Alyssa. Era importante para Kendra escrever uma mensagem longa e significativa. Afinal, essas eram suas amigas prediletas. “Tenha um maravilhoso verão” talvez pudesse funcionar com conhecidas, mas amigas verdadeiras demandavam algo mais original. A solução era mencionar piadas específicas conhecidas por ambas ou então coisas engraçadas que haviam feito juntas durante o ano. Naquele momento, Kendra estava escrevendo sobre uma ocasião em que Brittany não conseguia parar de rir enquanto tentava fazer um relato oral na aula de história.

Subitamente, sem ter sido convidado, Casey Hancock surgiu entre elas segurando uma bandeja com lasanha, cenoura ralada e leite achocolatado. Trina e Alyssa afastaram-se um pouco para dar lugar a ele. Era uma ousadia quase sem precedentes um garoto sozinho sentar-se à mesa com quatro garotas. Trina pareceu ligeiramente incomodada. Alyssa olhou para Kendra como alguém que acabou de ganhar na loteria. Se ao menos Alyssa pudesse ver qual era a verdadeira aparência de sua nova paixão!

– Acho que ainda não fomos apresentados – anunciou ele, a voz contraída e áspera. – Eu me chamo Case. Acabei de me mudar pra cá. – O simples som de sua voz já deixava Kendra com a garganta irritada.

Alyssa apresentou-se e fez o mesmo com as outras. Case estivera em duas aulas com Kendra desde o início do dia. Ele fora bem recebido em todas as turmas em que fora apresentado, especialmente pelas garotas.

Case ergueu um garfo cheio de lasanha em direção à boca desdentada, possibilitando que Kendra vislumbrasse sua estreita língua preta. Observá-lo mastigar alguma coisa revirava seu estômago.

– E aí, o que vocês fazem para se divertir por aqui? – perguntou Case em meio a uma garfada de cenoura.

– A gente começa sentando perto de pessoas que a gente conhece – disse Trina. Kendra disfarçou um sorriso. Ela jamais se sentira tão grata a Trina por endurecer com alguém daquela maneira.

– Essa aqui é a mesa das garotas maneiras? – replicou Case, com um ar de surpresa debochado. – Minha intenção era começar por baixo e depois ir subindo. – A réplica deixou Trina sem palavras. Case piscou para Alyssa a fim de demonstrar que estava só brincando. Para um goblin com uma cara escabrosa, até que ele era bem afável.

– Você estava em algumas aulas comigo – disse Case para Kendra, mandando para dentro mais um pouco de lasanha. – Inglês e matemática. – Era difícil olhar para aqueles olhos estreitos e continuar fazendo uma cara de quem está achando tudo muito agradável.

– Estava, sim – Kendra conseguiu dizer.

– Não vou precisar fazer as provas finais. Já terminei tudo na minha antiga escola. Só estou aqui pra me divertir e fazer amigos.

– É como eu me sinto – disse Brittany –, mas Kendra e Alyssa só tiram A.

– Odeio ir ao cinema sozinho – disse Case –, mas ainda não tenho nenhum amigo por aqui. Vocês não estão a fim de assistir a um filme hoje à noite?

– Com certeza – disse Brittany.

Kendra ficou boquiaberta pela cara de pau do novato ao convidar ao mesmo tempo quatro garotas para sair logo no dia em que chegou. Aquele era o goblin mais sociável de todos os tempos! Quais seriam suas intenções?

– Eu vou – disse Alyssa.

– Tudo bem – concordou Trina. – Se você se comportar bem, talvez eu até deixe você assinar meu anuário.

– Eu não dou autógrafos – respondeu Case, de uma tacada só. – Kendra, você vai?

Kendra hesitou. Como poderia ficar sentada durante uma sessão inteira de cinema ao lado de um monstro abominável? Mas como poderia abandonar suas amigas, sendo a única a saber em que elas estavam se metendo?

– Talvez – concedeu.

O goblin cascudo deu uma última garfada na lasanha.

– O que vocês acham de a gente se encontrar na entrada às sete? O cinema da Kendall, naquele shopping pequeno. Vamos torcer para que tenha alguma coisa boa passando. – As outras garotas concordaram enquanto ele se levantava e ia embora.

Kendra observou suas amigas conversando animadamente sobre Case. Ele conquistara Alyssa à primeira vista. Brittany era uma presa fácil. E Trina era o tipo de garota que gostava de bancar a esperta, mas ficava logo a fim se o cara a enfrentava de igual para igual. Kendra achava que ela própria também ficaria impressionada se não soubesse que ele era um monstro repugnante.

Não havia a menor chance de ela contar para suas amigas a verdade a respeito de Case. Qualquer acusação pareceria a mais completa loucura. Mas tinha quase certeza de que ele estava aprontando alguma maldade.

Só havia uma pessoa em toda a cidade a quem Kendra podia contar seu problema. E ele não era exatamente a pessoa mais confiável que ela conhecia.



Seth alinhou-se contra Randy Sawyer. Randy era rápido, porém baixo. Seth começara o ano escolar um pouco mais baixo do que a maioria dos garotos de sua classe, mas estava terminando o ano mais alto do que a média. A melhor estratégia contra Randy seria utilizar o máximo possível essa vantagem física.

Spencer McCain puxou a bola para si e recuou. Quatro garotos foram atrás, enquanto outros quatro fizeram a cobertura. Um defensor permaneceu na linha fazendo a contagem. Seth dançava,



como se estivesse a ponto de cortar caminho pelo campo, e então correu em disparada até a meta. Spencer levantou a bola numa espiral bem alta. A passagem era um pouco estreita, mas recuando um pouco, Seth saltou à frente de Randy e agarrou-a. Randy imediatamente segurou Seth com as mãos, abaixando-o perto do suéter de Chad Dupree, que demarcava a meta.

– Terceira subida – declarou Spencer, correndo pelo campo.

– Seth! – exclamou uma voz. Seth se virou. Era Kendra. Sua irmã normalmente não falava com ele na escola. A Roosevelt tinha estudantes do sexto ao nono anos, de modo que Seth estava no degrau mais baixo da hierarquia social após ter concluído o fundamental no ano anterior.

– Só um segundo – gritou Seth para Kendra. Os garotos estavam se alinhando. Seth ficou em posição. Spencer agarrou a bola, e então arremessou uma curta interceptação para Derek Totter. Seth nem se deu ao trabalho de caçá-lo. Era o moleque mais rápido de sua turma. Ele disparou por toda a extensão do campo até a meta oposta.

Seth trotou em direção a Kendra.

– Trazendo boa sorte, como sempre? – disse ele.

– Esse passe foi muito ruinzinho.

– Spencer só consegue ser quarterback porque lança as maiores espirais. O que há?

– Preciso que você veja uma coisa – disse Kendra.

Seth cruzou os braços. Aquilo tudo era muito incomum. Ela não só estava falando com ele na escola, como queria que ele a acompanhasse até algum lugar?

– Já vamos começar – berrou Randy.

– Estou no meio de uma partida – disse Seth.

– Isso é uma coisa que tem a ver com Fablehaven.

Seth voltou-se para seus amigos.

– Foi mal, galera! Vou ter que sair um instantinho. – Ele e Kendra saíram juntos. – O que é?

– Você sabe que eu ainda consigo ver criaturas mágicas, não sabe?

– Sei, sim.

– Tinha um aluno novo em algumas das minhas aulas de hoje – explicou ela. – Ele está fingindo que é humano, mas na verdade é um monstro horripilante.

– Não brinca.

– Minhas amigas acham ele uma gracinha. Não consigo ver sua aparência humana. Quero que você me descreva como ele é.

– Onde ele está? – perguntou Seth.

– Bem ali, conversando com Lydia Southwell – disse Kendra, apontando sutilmente.

– O garoto louro?

– Eu não sei. Camisa vermelha e preta?

– Ele é *realmente* uma gracinha! – derramou-se todo Seth.

– Como é que ele é?

– Ele tem os olhos mais fascinantes do mundo.

– Para com isso – exigiu Kendra.

– Ele deve estar tendo os pensamentos mais lindos.

– Seth, estou falando sério! – O sinal tocou, anunciando o fim do almoço.

– Ele é mesmo um monstro? – perguntou Seth.

– Ele parece um pouco a criatura que entrou pela janela no Solstício de Verão – disse Kendra.

– Aquele em quem eu joguei sal?

– O próprio. O que ele está fingindo ser?

– Isso é uma piada ou o quê? – perguntou Seth, desconfiado.

– Ele é só um novato de quem você tá a fim, não é? Se você estiver com medo, eu posso ir lá pedir o telefone dele.

– Eu não estou brincando – disse Kendra, dando um tapa no braço dele.

– Ele tem um corpo maneiro. Tem um buraquinho no queixo. Cabelos louros. Tá meio despenteado, mas tá legal. Acho que ele deixou assim de propósito. Acho que ele podia até arrumar um papel em alguma novela. Já tá bom?

– Não é careca e coberto de feridas e pus? – confirmou Kendra.

– Nada disso. Ele é assim tão nojento?

– Ele me dá vontade de vomitar. Obrigada, a gente se vê mais tarde.

Kendra foi embora correndo.

O sr. Novela das Oito também estava se afastando, ainda de papo com Lydia Southwell. Para um monstro, até que ele tinha bom gosto. Ela era uma das garotas mais bonitinhas da escola.

Seth achou melhor voltar para a sala. O sr. Meyers havia ameaçado lhe dar uma suspensão se ele se atrasasse novamente.



Kendra estava sentada em silêncio enquanto o pai a levava de carro para o cinema. Ela tentara persuadir Alyssa a não ir. A amiga

começara a agir como se suspeitasse que Kendra estivesse escondendo que queria ficar com Case, e como Kendra não podia contar a verdade para sua amiga foi obrigada a desistir. No fim, acabou decidindo se juntar a elas, concluindo que não poderia deixar suas amigas sozinhas com um goblin que adora fazer intrigas.

– A que filme vocês vão assistir? – perguntou o pai.

– A gente vai decidir quando chegar lá – disse Kendra. – Não se preocupe, não vai ser nada muito pesado. – Kendra gostaria muito de poder contar a seu pai a situação difícil em que se encontrava, mas ele não sabia nada a respeito das propriedades mágicas da reserva que vovô e vovó Sorenson administravam. Ele imaginava que o local era uma fazenda como outra qualquer.

– Tem certeza que você está preparada para as provas finais?

– Eu dei conta de todas as minhas tarefas o ano inteiro. Só vou fazer uma revisão rápida e pronto. Vou me dar bem com certeza. – Kendra gostaria muito de poder falar com vovô Sorenson a respeito da situação. Ela tentara ligar para ele. Infelizmente, o único número que seus pais tinham da reserva caía sempre em uma mensagem gravada dizendo que a ligação não poderia ser completada. A única outra maneira que ela conhecia de contatá-lo era pelo correio. Então, para o caso de o telefone estar desligado por um tempo, ela escrevera uma carta a vovô descrevendo a situação e planejava postá-la no dia seguinte. Era bom poder compartilhar suas dificuldades com outra pessoa que não fosse Seth, mesmo que apenas por meio de papel. Mas Kendra tinha esperança de conseguir um contato via telefone antes mesmo de a carta chegar.

Papai encostou o carro no estacionamento do cinema. Alyssa e Trina estavam em pé na entrada. Além delas, encontrava-se ali um goblin repulsivo usando camiseta e calça cáqui.

– Como vou saber a hora de te apanhar? – perguntou papai.

– Eu disse à mamãe que ligaria do celular de Alyssa.

– Tudo bem. Divirta-se.

*Pouquíssimo provável*, pensou Kendra enquanto saía da camionete.

– Ei, Kendra! – disse Case, com uma voz irritante. Ela conseguia sentir o cheiro da colônia dele a três metros de distância.

– A gente já estava achando que você não vinha – disse Alyssa.

– Cheguei bem na hora – insistiu Kendra. – Vocês é que chegaram cedo demais.

– Vamos escolher um filme – disse Trina.

– E a Brittany? – perguntou Kendra.

– Os pais dela não deixaram ela vir – disse Trina. – Mandaram ela ficar estudando.

Case bateu palmas.

– E então? O que vamos ver?

Eles negociaram durante alguns minutos. Case queria ver *Medalha da vergonha*, sobre um assassino em série viciado em aterrorizar veteranos que haviam recebido a Medalha de Honra do Congresso. Por fim, ele aceitou ficar sem seu filme de ação quando Trina lhe prometeu pipocas. O filme vencedor foi *Trocando de lugares*, sobre uma garota nerd que consegue sair com o cara com quem ela sonha depois que sua mente entra no corpo da garota mais popular da escola.

Kendra queria ver esse filme, mas agora estava preocupada com a possibilidade de o programa virar uma roubada. Não podia haver nada pior do que ficar ao lado de um goblin careca durante um filme água com açúcar feito para garotas.

Como suspeitava, Kendra teve muita dificuldade em se concentrar no filme. Trina sentou-se de um lado de Case e Alyssa de outro. Ambas estavam disputando sua atenção. Todos dividiam um balde de pipocas tamanho família. Kendra recusava sempre que lhe ofereciam um pouco. Ela não estava disposta a comer nada que aquelas mãos cheias de verrugas haviam tocado.

Durante os créditos, Case já estava abraçando Alyssa. Os dois não paravam de sussurrar e de dar risadinhas. Trina estava de braços cruzados, com uma expressão mal-humorada. Sendo um monstro ou não, o que pode acontecer de bom quando várias garotas saem juntas com um cara que interessa a todas elas?

Case e Alyssa estavam de mãos dadas ao saírem do cinema. A mãe de Trina estava esperando no estacionamento. Trina despediu-se de cara amarrada e foi embora.

– Posso usar seu celular? – pediu Kendra. – Tenho que ligar pro meu pai.

– Claro – disse Alyssa, entregando o aparelho.

– Quer carona? – perguntou Kendra enquanto discava.

– Não moro muito longe daqui – disse Alyssa. – Case disse que me acompanharia.

O goblin deu um sorriso estranho, cínico para Kendra. Pela primeira vez, ela imaginava se Case tinha alguma noção de que ela conhecia sua verdadeira identidade. Ele parecia se gabar por não haver nada que ela pudesse fazer a respeito.

Kendra tentou manter uma expressão neutra. Sua mãe atendeu o telefone, e Kendra disse que estava esperando que alguém a apansasse. Ela estendeu o aparelho de volta a Alyssa.

– Acho que é longe demais pra ir andando. Por que vocês dois não vêm com a gente?

Alyssa olhou para Kendra como se perguntasse por que ela tentava deliberadamente estragar uma coisa espetacular. Case abraçou-a, olhando maliciosamente.

– Alyssa – disse Kendra, com firmeza, segurando a mão dela. – Preciso conversar com você um minutinho em particular. – Ela puxou a amiga para perto de si. – Tudo bem, Case?

– Sem problema. Preciso dar uma chegada ao banheiro, de qualquer maneira.

Ele voltou para o cinema.

– Qual é o seu problema, afinal? – reclamou Alyssa.

– Pensa bem – disse Kendra. – A gente não sabe quase nada sobre ele. Vocês se conheceram hoje. O cara não é pequeno. Tem certeza de que você quer andar com ele no escuro? Garotas podem se meter em um monte de encrencas assim.

Alyssa olhou para ela como se não estivesse acreditando naquelas palavras.

– Dá pra ver que ele é um cara legal.

– Não, dá pra ver que ele é bonito e bem engraçado. Tem muito psicopata por aí que parece legal. É por isso que a gente sai com eles em espaços públicos algumas vezes antes de passar algum tempo a sós. Principalmente se a gente tem catorze anos!

– Eu não tinha visto por esse lado – aceitou Alyssa.

– Deixa meu pai deixar vocês dois na sua casa. Se você tá a fim de conversar com ele, faz isso na frente da sua casa. Não numa rua escura e deserta.

Alyssa concordou.

– Acho que de repente você tem razão. Não tem problema se a gente ficar de papo perto de casa.

Quando Case voltou, Alyssa explicou a situação, mas omitiu a parte a respeito de ele ser um psicopata em potencial. No começo, ele resistiu, dizendo que estava fazendo uma noite linda e que seria um crime não aproveitá-la caminhando, mas, por fim, consentiu quando Kendra lembrou-lhe que já passara das nove.

O pai apareceu na caminhonete alguns minutos depois, e concordou em dar carona para Alyssa e Case. Kendra sentou-se ao lado do pai, na frente. Alyssa e Case foram atrás, sussurrando e de mãos dadas. Papai deixou os apaixonados na casa de Alyssa. Case explicou que morava pertinho dali.

Ao partir, Kendra olhou para eles. Ela estava deixando sua amiga sozinha com um goblin horripilante e espertalhão. Mas não havia mais nada que pudesse fazer! Pelo menos Alyssa estava na frente de casa. Se alguma coisa acontecesse, ela poderia gritar ou correr para dentro. Nas atuais circunstâncias, isso teria de ser suficiente.

– Parece que Alyssa arrumou um namorado – observou papai.

Kendra encostou a cabeça na janela.

– As aparências enganam.